

Ações emergenciais

Brasil poderá iniciar recuperação econômica no médio prazo, mas desde que medidas sejam aplicadas com urgência - Bruna Chieco

Não é de hoje que os economistas e gestores de recursos apontam como principais entraves para o crescimento da economia brasileira a necessidade da reforma da previdência, o equilíbrio de contas públicas e a mudança nas legislações tributária e trabalhista. As incertezas da efetividade de aplicações de medidas emergenciais, contudo, fizeram com que o país perdesse o grau de investimento pela Standard and Poor's (S&P) e fosse rebaixado pela Fitch, ficando a apenas um degrau do downgrade também por esta agência.

A agenda de reformas estruturais será favorável para a retomada do crescimento do país, segundo o economista e gestor da FAR – Fator Administração de Recursos, Paulo Gala, mas esse crescimento vai demorar um pouco para acontecer e depende dos ajustes básicos citados. “Antes, é preciso ajustar o orçamento do país”. Para Gala, uma das medidas imediatas que o governo deve adotar é a reoneração das empresas que foram desoneradas. “Se empresas voltarem a pagar impostos, a arrecadação volta a subir”.

Gala acredita ainda que o desafio maior do país é a convergência da inflação para a meta. “Se ocorrer a queda da inflação no ano que vem, fica mais fácil, pois a taxa de juros também deve cair e haverá uma melhoria na confiança. O choque cambial, contudo, acabou postergando essa convergência”, diz o economista.

Para o ele, a crise atual da economia brasileira é uma das piores crises dos últimos 100 anos, com perspectiva de dois ou até três anos de recessão seguidos. Ainda assim, ele acredita que a precificação de risco das agências internacionais tem sido exagerada. “É provável que a gente fique sem grau por duas agências em um horizonte de seis meses. Mas essa perda



Divulgação

GALA: recuperação do Brasil deve começar no 2º semestre de 2016 ou em 2017

já está precificada por investidores. Portanto, há certo exagero. Devemos sofrer downgrade por uma segunda agência, mas o mais relevante é que o preço dos ativos tende a se apreciar bastante conforme fique claro que essa avaliação é exagerada, se compararmos com outros países emergentes”, salienta Gala.

Para o executivo, o país passa um problema transitório. “A questão política deve ser resolvida mais cedo ou mais

tarde. A recuperação do crescimento do Brasil deve começar no segundo semestre de 2016 ou em 2017. Na pior das hipóteses, após as eleições de 2018”, diz.

Já para o economista-chefe do banco J. Safra, Carlos Kawall, para que o país volte a crescer com consistência em um horizonte de cinco a dez anos, é preciso ter um esforço reformista semelhante ao ocorrido no fim dos anos 1990 e início dos anos 2000. “Nesse período, avança-



1



2

Divulgação

KAWALL (1): temos que superar o desafio de curto prazo e equacionar contas públicas nos próximos anos

CARRIL (2): Brasil deve se focar em recuperar a confiança do mercado. Não deve ser feito nada que reduza sua credibilidade

mos, embora limitadamente, na abertura comercial, em privatização, tentamos caminhar na reforma da previdência; tudo isso ocorreu junto com a estabilização do Plano Real. Depois, engatamos em um ciclo de aumento dos preços das commodities que gerou um crescimento no Brasil, e a economia melhorou. Mas a onda veio e foi embora”, salienta.

Kawall complementa que, como todos os mercados emergentes, o Brasil passa atualmente por uma desaceleração de crescimento, mas que isso foi agravado por políticas econômicas heterodoxas, intervencionismo exagerado em setores chave como petróleo, setor elétrico, aumento de estímulo, entre outros. “Foram erros que se somaram a essa desaceleração dos emergentes, que afeta a todos. Além de não termos feito as reformas, flertamos com políticas que não funcionavam. O Brasil está atrasado, mas pela expressão da crise, talvez a gente esteja caminhando, nos próximos dois ou três anos para esses ajustes. Caso isso não ocorra, teremos mais uma década perdida”, diz.

PROBLEMA ESTRUTURAL – Para Kawall, o longo prazo do Brasil já está muito encurtado. “Há um grau de incerteza muito grande em relação à trajetória fiscal. Temos que superar o desafio de curto prazo e equacionar contas públicas nos próximos anos, algo que deveria ter sido feito antes do Brasil perder o grau de investimento”, diz. Olhando para um horizonte mais longo, o economista avalia que está se formando um consenso que o Brasil tem um problema de ajuste fiscal que também é estrutural.

“O problema não está apenas ligado ao baixo crescimento do país. Os juros voltarão a cair e a inflação também, mas o buraco é mais embaixo. Há um desequilíbrio entre receitas e despesas, principalmente as despesas obrigatórias, como previdência social, salário, abono, pensão por morte. Os benefícios crescem em ritmo incompatível com o crescimento do país”, diz Kawall.

Sem essas reformas mais estruturais, não será possível retomar uma agenda de crescimento econômico mais consistente, salienta o economista.

Para agravar a situação, as propostas de reformas estão empacadas no Congresso Nacional. “Não temos nem as reformas formuladas ainda. Não há uma reforma da previdência no Congresso, por exemplo. Não há iniciativas de aperfeiçoamento das legislações trabalhista e tributária. Está crescendo a consciência do problema, mas ainda em fase inicial. Precisamos fazer o ajuste estrutural, mas os setores empurram o ajuste um para o outro. Ninguém quer ajustar o seu subsídio, sua desoneração, seu benefício social”, alerta.

VISÃO INTERNACIONAL – Para Valentin Carril, economista chefe para a América Latina da Principal Financial Group, devido ao passo lento da evolução das melhorias das finanças públicas mundialmente, o Brasil deve se recuperar em um horizonte de três a cinco anos. O executivo diz que o mais importante para o país no momento é recuperar a taxa de crescimento do PIB. “Uma economia em crescimento tende a produzir melhorias na receita do setor público. Mas essa taxa de crescimento deve ser ampliada

MOBIUS:
país continua sendo atrativo em termos de preço de ativos, e é para isso que estamos olhando



Divulgação

no longo prazo”, diz Carril.

O executivo diz ainda que um dos problemas para um investidor estrangeiro aplicar no Brasil é a regulamentação excessiva e, muitas vezes, complexa, principalmente em relação aos impostos. “Há ainda o problema da falta de infraestrutura e pouca abertura para economia mundial. A tributação brasileira é considerada a mais complexa do mundo, e construir uma base de infraestrutura no país é caro e demorado”, destaca.

Carril destaca que o Brasil deve se focar em recuperar a confiança e credibilidade do mercado traçando um plano de médio prazo com metas trimestrais, e atingir as metas sem “pedaladas”. “Não deve ser

feito nada que reduza a credibilidade do plano do país”, diz o executivo. Já no longo prazo, Carril acredita que o Brasil ainda tem um grande futuro pela frente. “A posição atual do país está de certa forma dentro da média mundial”, salienta.

Mas um dos principais erros cometidos pelo Brasil, e que deve ser evitado no futuro na visão do gestor de fundos de mercados emergentes da Franklin Templeton Investments, Mark Mobius, foi permitir a corrupção de empresas estatais. “Muito dinheiro foi desperdiçado e alguns projetos nem deveriam ter começado. Outro erro foi a intervenção nos bancos e financiamento de projetos que nem sempre eram úteis para o país”,

avalia Mobius. “Por conta disso, há um sentimento negativo em relação ao Brasil”, complementa.

Mobius destaca ainda que a falta de confiança unida ao rebaixamento do rating do país prejudica ainda mais a entrada de investimentos estrangeiros. “Quando há rebaixamento, alguns investidores não podem aplicar seu dinheiro no país. Mas alguns investidores, como nós, continuamos apostando no Brasil no longo prazo e esperando mudanças”, salienta.

OPORTUNIDADES – O país continua sendo atrativo para os estrangeiros em termos de preço de ativos, segundo Mark Mobius. Para o executivo, algumas companhias continuam sendo bem geridas e gerando valor, garantindo a confiança dos investidores no longo prazo. “As empresas que estão estáveis e com boa gestão continuarão se dando bem. Os preços estão atraentes, e é para isso que estamos olhando”, salienta o executivo.

Continuar apostando no Brasil, para Valentin Carril, da Principal, gera um risco alto, mas que pode ser seguido de uma recompensa gratificante. Para ele, o sentimento de risco atual do país é evidente, mas na medida em que o governo conseguir estabilizar suas finanças, a recompensa de se investir em ativos brasileiros hoje será muito grande. “Olhar para a negociação de dívida do Brasil no exterior, por exemplo, gera um receio. Mas se o país se estabilizar, seu futuro parece ser brilhante”, enfatiza Carril.

Carlos Kawall compartilha da opinião de que o cenário parece ser mais otimista pós-crise. “Já perdemos os últimos quatro anos, e provavelmente esse ano e 2016 também. Mas se houver uma construção dos pilares de um novo ciclo para o país, há um cenário otimista lá na frente, que será resultante de um esforço reformista”, destaca o economista.

Paulo Gala, da FAR, também coincide com a perspectiva de recuperação nos preços dos ativos. Passada a fase mais aguda da crise, inevitavelmente, os ativos devem voltar a se valorizar em algum momento. O problema é identificar qual o ponto ou momento de inflexão, ou em outras palavras, qual é o fundo do poço.

Um dos principais erros cometidos pelo Brasil foi permitir a corrupção de empresas estatais, diz Mark Mobius